

## MULHERES NOS LABIRINTOS DO FAZER E ENSINAR HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO ACREANA

Maria José Bezerra<sup>1</sup>  
Marília Leite Vilas Boas Calixto<sup>2</sup>  
Valmira Braga<sup>3</sup>

*Educar é um ato político.*  
Moacir Gadotti

A escrita deste texto foi emocionante, na medida em que acompanhei de perto a trajetória da Prof<sup>a</sup> Especialista Francisca Corina de Azevedo Feitosa, a Corina, que na minha vida e de Luanda, minha filha, foi mais que colega, e sim, comadre e irmã. Nos tornamos família ao longo da convivência.

Conheci a Corina nos idos de 1982, quando de férias resolvi conhecer a cidade de Rio Branco, alimentando a possibilidade de prestar concurso, na área de história, na Fundação Universidade Federal do Acre e, assim, finalmente, iniciar a almejada carreira docente. Desde a infância, o meu projeto de vida era ser professora, pesquisadora e escritora. Conhecer o mundo das letras, das ciências, das pessoas, se tornou o cerne da existência.

Nascida em Sena Madureira, proveniente de uma família numerosa, Corina conhecia a vida no seringal. Seus pensamentos, modos de vida, valores morais e éticos remetem a um tempo que não existe mais.

Ela morava numa casa de madeira, no centro da cidade de Rio Branco, no bairro da Base, e, desde então, passou a conviver com as periódicas alagações realizadas pelo Rio Acre. *Quando tudo se tornava água.*

Simples, bondosa, mãe dedicada. Humana acima de tudo. Separada do marido, era chefe de família, convivendo com os filhos: Ana Regina, Patrícia, Paulo Vinicius, Célia e Jaqueline. Demonstrava nas suas falas as preocupações com a educação das crianças e jovens, e também com as implicações sociais trazidas pela expansão da Frente Pecuarista no Acre, pós 1970.

Professora do antigo Território Federal do Acre, na condição de Licenciada Plena em História, pela FUFAC, devido ter complementado a Licenciatura Curta em Estudos Sociais.

---

1 Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> em História Social, pela Universidade de São Paulo, e docente aposentada da UFAC.

2 Pedagoga e Técnica em Educação aposentada e irmã da Prof<sup>a</sup> Especialista França (Colaboradora).

3 Especialista em Violência doméstica contra crianças e adolescentes, da Rede Acreana de Mulheres e Homens. (Colaboradora).

Na situação de docente do Território do Acre, lecionou as disciplinas de Organização Social e Política Brasileira (OSPB), Educação Moral e Cívica e História, nas escolas: Presidente Dutra, José Mário de Oliveira, Colégio Acreano, Instituto São José, CESEME, Instituto Nossa Senhora das Dores, sendo ainda Diretora da Escola José Rodrigues Leite. Ao ingressar na universidade, além de docente do Departamento de História, Membro de Colegiados de Cursos, exerceu a função de Coordenadora do Curso de Licenciatura em História, e abraçou a ideia de contribuir para a renovação teórica e metodológica do tradicional ensino de História, que não compreendia que o objeto da história é o ser humano, no tempo e no espaço, nas suas relações entre si, e com a natureza. Esta posição teórica e política fez com ela fosse uma das entusiastas da equipe do Projeto “Estudo das Propostas Curriculares de História e Geografia”, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Mestre, Francismar Bastos, e desenvolvido em interface com as Secretarias Estadual e Municipal de Educação.

Comprometida com suas raízes culturais, defendia, com ênfase, a presença dos mais pobres na escrita da história, em especial aqueles que se ligavam a sua experiência de vida no seringueiral, e que se tornaram migrantes na cidade de Rio Branco, vivendo “aos trancos e barrancos” devido a expropriação que sofreram. Portanto, ela se inseria no contexto da esquerda democrática católica.

Embora, no passado, até por razões de casamento, tenha “apoiado” o Partido Social Democrático (PDS). Por não ser filiada a nenhum partido político, embora tivesse fortes simpatias pelo Partido dos Trabalhadores (PT), as vezes votava com o coração, em candidatos de outros partidos, ou até fazia campanha política. Inclusive, eu e ela, para dar maior sustentação a Vice-Prefeita, Regina Lino, nos filiamos, transitoriamente, ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

No âmbito da UFAC, a Prof<sup>a</sup> Corina Azevedo era reconhecida por sua longa experiência no magistério, e sua preocupação em manter - se atualizada, considerando que a década de 1980 foi pródiga quanto a produção e publicação de livros didáticos para o 1º e 2º graus, caracterizados pela criticidade no conhecimento histórico, e com várias experiências inovadoras de ensino de história, o que sintonizava com as lutas pela democracia dentro e fora da UFAC.

Para manter-se sempre atualizada, além de participar de Seminários, Simpósios, Grupos de Estudo, Conferências, Corina resolveu fazer o Mestrado de História do Norte/Nordeste oferecido pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Passou na seleção, concluiu todos os créditos, e iniciou a pesquisa para a produção da dissertação que tinha como objeto de investigação: “O projeto de Assentamento Dirigido Redenção”. Desenvolveu grande parte da pesquisa, porém, por razões pessoais, não terminou de escrever o texto dissertativo.

Portanto, a escolha do tema, não foi neutra, denota as suas preocupações com os efeitos da expulsão dos seringueiros, de terras ocupadas por eles, durante longos anos, devido as vendas dos seringais para grupos empresariais do Centro-Sul. Além do fato, de que seringueiro, é extrativista, e não agricultor. Aliás, nos anos 80, também existiram as migrações individualizadas ou oficiais de famílias de agricultores do sul do Brasil. Nos anos de 1986-87, a Prof<sup>a</sup> Corina Feitosa, fez o Curso de Especialização em História Econômica e Social da Amazônia, tornando-se Prof<sup>a</sup> Especialista.

Convém também destacar que embora o contrato de trabalho da Prof<sup>a</sup> Corina Azevedo fosse de 40 horas, tendo em vista que, possuindo outro vínculo empregatício, ela não poderia ser Dedicção Exclusiva (DE), mesmo assim, ela realizava, ensino, pesquisa e extensão. E, nessa direção quando elaborei o Projeto de Pesquisa: “*O imaginário dos meninos e meninas de/na rua da cidade de Rio Branco*”, ela fez questão de participar de forma expressiva das leituras, discussões e pesquisa de campo, sendo coautora de um capítulo do livro *Senhores da Rua*.

Esta obra foi discutida em vários fóruns, dentro e fora da UFAC e do estado do Acre, pois entre os envolvidos se encontrava o Prof. Dr. Antônio Torres Montenegro, do Programa de Pós-Graduação em História da UFPE, que também foi coautor do livro e o apresentou na Feira Literária de Frankfurt, na Alemanha, na qual foram vendidos 200 exemplares.

Esta proposta de pesquisa surgiu, com base numa realidade social perversa. Crianças e adolescentes perambulavam pelas ruas do centro de Rio Branco e em vários bairros, produzindo pequenos furtos, cheirando cola, roubando roupas dos varais de prédios e casas, se prostituindo, pedindo ajuda nas casas, realizando pequenos serviços no mercado, e outros, além das meninas/adolescentes que se prostituíam, ou eram alvo das ações de agenciadores, que sob falsas promessas, as transformavam em escravas sexuais, nos garimpos ou em prostíbulos de baixa categoria, localizados fora do estado do Acre.

Várias foram as denúncias destas ocorrências através da imprensa local, o que motivou duas Comissões Parlamentares de Inquéritos: “Onde estão nossas meninas” (CPI da Câmara Municipal de Rio Branco) e uma outra realizada no âmbito da Assembleia Legislativa do estado do Acre, quando vários parlamentares foram até Rondônia, e confirmaram o tráfico de meninas, com fins de explorá-las sexualmente. Esta questão específica das meninas/adolescentes foi objeto de estudo, em outro projeto: “A exploração sexual de crianças e adolescentes na cidade de Rio Branco”, que culminou com a publicação do livro: *Damas da Noite*.

Para realizar as pesquisas acima mencionadas, contamos com o apoio da CAPES/ CNPq, das instituições policiais e militares, existentes no Acre, e até da TV Acre, ao exibir um VT, clamando a população a colaborar com o estudo, denunciando fatos relacionados a problemática em foco. Contamos com a colaboração da Sr<sup>a</sup> Beatriz Cameli, na oportunidade, Presidente do “Programa Comunidade Solidária”, e da Vice-Prefeita da cidade de Rio Branco, na época, Regina Lino, e outros, principalmente quanto a publicação dos estudos desenvolvidos, considerando que na UFAC, não existia editora.

Por sua inserção nas questões sociais e educacionais, após seu falecimento, a Prof<sup>a</sup> Especialista, Francisca Corina de Azevedo Feitosa foi homenageada, dando nome ao bloco de salas de aula do Curso de Pedagogia da UFAC.

Por sua vez, a caminhada de Francisca Leite Ferreira, a Prof<sup>a</sup> França, pelos labirintos da história-vida, e história-conhecimento foi mais ampla, e essencialmente política, no que esta palavra tem de melhor. Era natural do município de Tarauacá. Filha de Arnaldo de Oliveira Leite e Maria da Assunção Justa Leite, e a mais velha dos 12 irmãos. Foi casada com Raimundo Viana Ferreira e teve um filho, Alessandro Leite Ferreira.

Nos verdes anos da juventude e vigor dos ideais veio para a cidade de Rio Branco, capital do Território Federal do Acre, indo residir com uma madrinha, em busca de melhores condições de vida e, principalmente, impelida pelo desejo de aprofundar os seus estudos e contribuir para a educação dos irmãos.

Nessa perspectiva ingressou no Ensino Público, ministrando aulas de história, no lendário 1968, permanecendo até 1978. E, ao concluir o Curso de Licenciatura Plena em História, pela UFAC, presta concurso e inicia sua jornada no ensino superior, em 1979, permanecendo até 1995, quando se aposenta da função de docente.

No contexto da universidade exerceu vários cargos: Chefe do Departamento de Apoio ao Estudante, da Pró-Reitoria de Apoio ao Estudante; Membro da Comissão Permanente do Vestibular (COPEVE) e de Colegiados dos Cursos de História, Geografia e Economia; Coordenadora

do Curso de Licenciatura em História. E, fora da UFAC, secretária da Equipe de Coordenação da Rede Acreana de Mulheres e Homens, e Coordenadora do Projeto “Mãos femininas na Floresta”.

Porém, o maior legado que a Prof<sup>a</sup> França deixou para as novas gerações, foi a permanente busca pelo saber histórico, através da leitura, e interpretação de textos. Estudar, pesquisar, só tem sentido, quando colocados a serviço de uma causa. E assim vieram os cursos de: Especialização em Metodologia do Ensino Superior; Especialização em História Econômica e Social da Amazônia. A partir de então, adentra aos territórios dos múltiplos labirintos da história, numa conjuntura política marcada pelas restrições a criticidade do conhecimento histórico.

Mesmo ante a agitação do “mar da história” pós 1964, França tanto através da ministração das disciplinas de Brasil República, quanto inserindo-se nos movimentos de oposição aos governos militares, luta pelo alvorecer de um novo dia ...

Militante de esquerda, depois filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT), ela, a França, não arrefecia o ânimo, quando se tratava de defender os mais pobres, os injustiçados, aqueles que mais tarde passaram ser denominados de “minorias”.

“Vigiada” no período militar, ela apesar de ter uma saúde frágil, a partir dos anos 80 passa a participar ativamente de grupos de estudos, pesquisas, projetos das ONG’s, vislumbrando o horizonte de um novo Acre, mais humano, menos desigual, e de um Brasil democrático, pluripartidário, que respeitasse as diferenças político partidárias e ideológicas presentes na população brasileira.

Esse ideário contribuiu para que ela participasse da fundação da Rede Acreana de Mulheres e Homens, tornando - se ativista das causas defendidas por esta entidade, até o falecimento. Combater as desigualdades, melhorar a qualidade de vida das mulheres, notadamente, daquelas radicadas nas regiões do Alto e Baixo Acre, foram incorporadas a um leque de questões que defendiam a preservação do meio ambiente, num contexto em que ocorriam derrubadas de árvores, assassinatos, empates e a ação dos grilheiros.

Ante este desafio, ela sente a necessidade de fazer dois Cursos de Aperfeiçoamento. Um na área de capacitação em Educação Ambiental e outro, sobre os Aspectos físicos, antropológicos e econômicos da região Amazônica. Num crescente as suas preocupações políticas passam a envolver vários aspectos: os Povos indígenas da Amazônia, os desafios da historiografia latino- americana e do Caribe, relações de gênero, democratização da questão da terra, saúde pública, desenvolvimento sustentável e solidário, as Ong’s e as lutas por um mundo sem exclusão.

Sem sombras de dúvidas, a Prof<sup>a</sup> França, de todas nós, docentes mulheres de História foi aquela de maior ativismo, frente a complexidade de tantas lutas empreendidas ao mesmo tempo. Porém, nos últimos anos de vida, ela priorizou as temáticas relativas as mulheres: violências, desigualdades, mercado de trabalho, olhares da historiografia sobre a mulher, e as mulheres no movimento sindical, num processo em que se conclui o seu processo de transformação em feminista.

A militância foi o território de ação desta tarauacaense ousada, sonhadora, desafiante dos seus próprios limites, o que, de certa forma, explica o fato dela não ter si dedicado a investir na carreira docente, através de mestrado, doutorado e pós-doutoramento.

Entretanto, realizou projetos relevantes para as mudanças que os cursos de história viveriam/ vivenciam. Dentre estas ações, encontram-se: levantamento e microfilmagem das fontes hemerográficas do Acre, em parceria com a Biblioteca Nacional (1985-89), coordenação do Projeto “Inventário da coleção “Senador José Guimard dos Santos”, em 1988, Coleta de documentos de seringais localizados à margem dos rios Acre e Xapuri e BR 317 (1987). Esses acervos se tornaram

de grande valia para as pesquisas de universitários e docentes da UFAC, não só da área de história, mais, de outras áreas das ciências humanas.

Quanto às publicações, foi colaboradora do livro: *Estudando o Estado – Estudos Sociais* (1994), e autora dos artigos “ *A história dos jornais – resgate de fontes hemerográficas*. Revista N’Ativa, nº 1, setembro de 1995; Da luta a concretização do sonho (contextualizando historicamente a criação da Rede Acreana de Mulheres e Homens (RAMH), na revista da entidade, comemorativa aos 13 anos de existência da entidade (2004).

A extensão acadêmica também objeto de suas atenções, quanto a ministração dos Cursos: Atualização em História para os professores de 1º e 2º graus, na Rede oficial e privada de ensino (1986); Atualização para professores da 8ª série, de história do Brasil, com o título “ *As faces da República brasileira*” (1990); Curso de História do Acre (1983); Curso de história para professores da zona rural, de 5ª a 8ª série (1992-93), bem como coordenou diversas atividades, que a título de ilustração, citamos: II Semana de Estudos em História( UFAC), 1980; Curso de Técnicas e Organização de Arquivos (1977); Ações integradas para a melhoria da qualidade do ensino em história, em parceria com a UFAC/SEC/SEMEC (1993-95); e o Simpósio sobre reservas extrativistas no Acre: definição e perspectivas. (1990).

Também prestou assessorias na área de tecnologia e metodologia de ensino para os professores de 5ª a 8ª série, além de colaborar com atividades, as mais diversas, no campo da história, procurando sempre se aperfeiçoar, a saber: Visão estrutural do desenvolvimento histórico; Problematiza social da República Romana no século II a.C.; A primeira República (1890-1930); Escravidão colonial, e Revolução industrial (1983); Técnica de organização de documentos e disseminação da informação; Estatística aplicada a educação; Técnica de pesquisa (1978); História e memória (1997); Formação de formadores – I Módulo (Guajara – Mirim, RO); Gênero e desenvolvimento (2001); Formação em desenvolvimento sustentável e solidário (2001).

Atuou, também, nas áreas de Gestão empresarial e pequenos negócios, por meio dos cursos de: Capacitação de líderes, trabalhadores rurais e extrativistas: mudando o mundo com as mulheres da terra; Lideranças em associativismo e cooperativismo (2000); Feira das ONG’s, em artesanato de Grupo de Mulheres; Liderança em associativismo e cooperativismo (2000); Feira das ONG’s, em artesanato de Grupo de mulheres, Rio de Janeiro (2000).

Promoveu oficinas, na condição de facilitadora sobre gênero: Papéis de gênero; Conhecendo gênero; Gênero e educação; Gênero, desenvolvimento e meio ambiente; Violência contra a mulher e crianças; HIV/AIDS nas populações tradicionais; e Sexualidade e saúde. Várias destas atividades envolveram os municípios de Plácido de Castro, ramal da Espinhara, Moradores do bairro Belo Jardim, e os municípios de Xapuri, Tarauacá e Acrelândia. Havendo maior concentração na capital acreana (Rio Branco).

Sempre que convidada, a Profª França ministrava palestras nas escolas sobre a história do Acre, ou do Brasil. Porém, foi após aposentadoria, que ela se dedicou, quase que inteiramente, a Rede Acreana de Mulheres e Homens (RAMH).

Diante do exposto acima, se faz necessário historiar a criação da RAMH, tendo em vista que esta surgiu, em maio de 1988, a partir da iniciativa de pessoas, de diferentes áreas do conhecimento: Assistência Social, Médicos, Historiadores, Jornalistas e militantes políticos preocupadas com a gravidade dos casos de violência contra a mulher, na cidade de Branco, inclusive, em repúdio aos mais chocantes, foram realizados atos públicos. Nesta época foi produzido e realizado, o Projeto: A violência física e sexual contra as mulheres em Rio Branco –AC, financiado pela Fundação Ford.

Ao mesmo tempo que a sociedade local se sentia constrangida com esses casos de violência, não existia um órgão público, ONG's ou a Delegacia da Mulher, que prestasse assistência a essas mulheres, sendo a violência contra a mulher vista com certa naturalidade, devido a sociedade brasileira ser machista, sexista e patriarcal e, conforme o velho adágio dizia: “Em briga de marido e mulher, não se mete a colher”.

Várias destas reuniões para discutir essa questão ocorrerem nas casas das pessoas que sentiam a necessidade de dar um BASTA a essas ocorrências. Diversos encontros foram realizados na residência da Prof<sup>a</sup> Maria José Bezerra, com as participações de Mara Vidal, Neusa Mitiko Ono, Rosineide Cordeiro, Fátima do Ceará, embora o grupo fosse bem maior. E as ações desenvolvidas consistiam em encaminhar as mulheres para fazer o corpo de delito, denunciar o agressor, levar a mulher e os filhos para um lugar seguro, doar recursos para que a vítima tivesse condições de sobreviver noutra local: roupa, alimentos, remédios, e as vezes, até conseguir passagens para que a mesma pudesse se deslocar para outro município ou estado da federação brasileira, ante as ameaças de morte, e também publicar artigos nos jornais locais, abordando a violência contra a mulher. Contribuíram com esta causa, nessa época, o Comandante Geral da PM, Coronel Roberto, a Diocese de Rio Branco, e as vezes, empresas ou políticos. Então, se resolveu “institucionalizar” o grupo. E, nessa direção, uma das primeiras dinâmicas utilizadas foi a *Linha de vida*.

Depois se sentiu a necessidade de trabalhar com as mulheres que sofriam violência, especialmente, as mais pobres e desinformadas, enfatizando os seus direitos, na condição de cidadãs e de seres humanos. Os desfechos destas ações culminaram com a institucionalização da RAMH, em 1992, em ONG's.

A partir de então, a RAMH vem investindo em políticas públicas, quanto a edificação de uma sociedade verdadeiramente democrática, na qual as mulheres sejam respeitadas nos diferentes âmbitos da vida, e para viabilizar as ações foram estabelecidos, os seguintes eixos temáticos: sexualidade, saúde e direitos reprodutivos; meio ambiente; políticas públicas e participação política, sendo a RAMH, na atualidade referência quanto as discussões e proposições de ações transformadoras de gênero, no estado do Acre. Sua maior missão é desconstruir estereótipos, capacitar as mulheres dos segmentos subalternos e da floresta, nas áreas rural e urbana, com ênfase as extrativistas e indígenas, na construção da autonomia e cidadania.

Portanto, a Rede Acreana de Mulheres e Homens – RAMH passa a ser reconhecida por variados grupos de mulheres, movimentos sociais, sindicais, governamentais, estabelecendo parcerias, no que se atém as mulheres, relações de gênero e étnicas através dos lançamentos das Campanhas: “Marcha Mundial de Mulheres 2000”, “Marcha das Margaridas”, “Agenda de Mulheres da Floresta”, “Plataforma Política Feminista da Articulação Mulheres Brasileiras”. Contribui, ainda, para dar visibilidade pública ao revigoramento de vários Conselhos de controle social e Campanhas contra a violência doméstica intrafamiliar e Saúde da Mulher.

Seus programas estratégicos são: 1. Programa Saúde, Direitos Sexuais e Reprodutivos:

Parteiras tradicionais, Saúde e sexualidade de jovens e adolescentes, Combate e prevenção a violência intrafamiliar, Programa homens e masculinidade. 2. Programa “ Mãos femininas da floresta: combatendo as desigualdades”. 3. Comunicando pela equidade (Programa de Rádio). 4. Fortalecimento das Organizações da sociedade civil e movimento social. 5. Desenvolvimento territorial com gestão social. (Página oficial da RAMH na internet).

Importante destacar que a violência a mulher perpassa todas as classes sociais, embora seja mais visível nos segmentos populares, em virtude do “sigilo” que as classes mais abastadas fazem

das ocorrências de violências física, sexual, verbal, psicológica e patrimonial. E, mesmo com o advento da Lei Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, conhecida, por Maria da Penha, o estado do Acre, segundo dados da Secretaria de Segurança Pública do Acre, apresentou a maior taxa de feminicídio do Brasil, em 2018. Foram 3,2 assassinatos para cada 100 mil mulheres, com o agravante de que um Levantamento do Monitor de Violência do G1, com o Núcleo de Estudos da Violência da USP e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, indica que, incluindo os homicídios dolosos de mulheres, que envolvem outros casos de feminicídio, o número de mortes chega a 35. A taxa do estado do Acre e a terceira maior do país (8,1) mortes para cada 100 mil mulheres, atrás de Roraima (10) e Ceará (9,6).

Esses indicadores atuais, denotam a importância do trabalho desenvolvido pela Profª França, na qualidade de integrante permanente da RAMH, ou no exercício da coordenação desta (2003-2004). *O empoderamento das mulheres*, principalmente das mulheres rurais, tornou-se para ela, mais que um projeto político, e sim de vida.

Ela entregou-se a esta causa, realizando ações em prol do/da: Defesa dos Direitos Humanos das Mulheres; Fortalecimento das Parteiras Tradicionais da Floresta; Saúde, Sexualidade e Direitos Reprodutivos das Mulheres; Combate a Violência contra a Mulher- Campanha do Laço Branco; Saúde e Sexualidade de jovens e adolescentes, e também, a produção do Boletim: *Balanço da Rede*”, e um programa de rádio diário, na Rádio Difusora Acreana.

Portanto, a Profª França, de todas nós, mulheres no ensino de história, na Universidade Federal do Acre – UFAC, foi aquela que não temeu se embrenhar nos labirintos da história. Lutou, sofreu incompreensões, em vários setores da vida pessoal e profissional, teve a saúde fragilizada, mas não arrefeceu.

Manteve a fidelidade aos seus ideais, sendo reconhecida pelo governo do Partido dos Trabalhadores (PT), com o nome da “Creche Francisca Leite Ferreira”. Ao passo que, a Profª Corina Azevedo, nos deixou a lição de sermos fiéis as nossas convicções na vida social e profissional. A sua simplicidade nunca impediu que ela fosse uma guerreira quando se tratava de defender os mais humildes.

## REFERÊNCIAS

- ACRE. **Acre das mulheres**. Rio Branco: Secretaria Extraordinária da Mulher, jul. 2006.
- AZEVEDO, Maria Amélia. **Mulheres espancadas**. A violência denunciada. São Paulo: Cortez, 1995.
- BANDEIRA, L. & MELO, H.P. **Tempos e memórias**: movimento feminista no Brasil. Brasília, DF: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010.
- BEZERRA, Maria José, SILVA, Maria Rita da Costa da, CAMPO, Maria Madalena Guedes. **Damas da noite**- sexualidade e prazer como estratégias de sobrevivência. Rio Branco: Globo, 2001.
- CAMPOS, C. Lei Maria da Penha. Um novo desafio jurídico. In: F. Lima & C. Santos (Eds). **Violência doméstica**: vulnerabilidades e desafios na intervenção criminal e multidisciplinar. P.21-35, Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2009.
- CHAUÍ, Marilena. **Ética, política e violência**. In: T. Camacho (Ed.). **Ensaio sobre violência**. p.39-59, Vitória: EDUFES, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Participando do debate sobre mulheres e violência**: perspectivas antropológicas de mulher. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- CARRILLO, Roxana. **Violência contra a mulher**, um obstáculo ao desenvolvimento. Tradução de Lígia Prestollo. Recife-PE.
- FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços públicos e privados**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

GREGORI, F.F. Cenas e queixas. Mulheres e relações violentas. In: **Novos Horizontes**, nº 23, março de 1989.

OLIVEIRA, Ilka Bentes, ORDONEZ, Maria Helena, CORDEIRO, Rosineide, FONTANA, Marisa. **Projeto de pesquisa sobre a violência física e sexual contra a mulher em Rio Branco-AC**, 1988.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história** – operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1986.

RANZI, Cleusa Maria Damo. A presença e a participação feminina nos seringais do Acre. In: **Raízes do Acre**. 3ª ed., Rio Branco-AC: ADUFAC, 2008.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil para a análise histórica. Recife: SOS Corpo e Cidadania. Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen\\_categoria.html](http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html). Acesso em: 10 jan. 2011.

WOFF, Cristina Scheibe. **Mulheres da floresta**, uma história. Alto Juruá, Acre (1890-1945)

Data de submissão: 18/05/2019

Data de aprovação: 20/06/2019